

ANSIEDADE OU ANGÚSTIA? REVISÃO HISTÓRICA DAS TRADUÇÕES DA ANGST FREUDIANA E A INFLUÊNCIA PSIQUIÁTRICA.

ANXIETY OR ANGUISH? A HISTORICAL REVIEW ON TRANSLATING FREUDIAN'S ANGST AND PSYCHIATRIC INFLUENCE.

Lucas Baviera¹

Resumo

Propõe-se uma revisão literária, objetivando aprofundar na compreensão dos critérios para o uso das palavras angústia e ansiedade em contextos clínico-teóricos da prática psicanalítica. Etimologicamente, é possível tratar as duas palavras como sinônimas, porém nota-se preferência de um termo ou outro, a depender de fatores pouco esclarecidos de saída. O objeto desta pesquisa não se aprofunda acerca dos significados teóricos e conceituais da angústia, delimitando-se a compreender o percurso histórico percorrido pela transmissão do conhecimento psicanalítico e das demarcações de fronteiras da Psicanálise, sejam internas (e territoriais), sejam com o saber da Psiquiatria, simbolizadas por esta preferência semântica particular.

Palavras-chave: História da Psicanálise; Ansiedade; Psicopatologia clínica.

Abstract

This article aims to review psychoanalysis history, focusing on a better comprehension of how the words anxiety or anguish are used, in clinical-theoretical context. Etymologically, it is possible to treat both words as synonyms, but what is actually noticed is a preference on one term or another, depending on not-so-cleared reasons. This study doesn't aim at theoretical concepts of Angst, but to use the translation of this word to illustrate some part of psychoanalysis historical transmissions and borders, internal or external, particularly with psychiatric knowledge, symbolized by this semantic preference.

Keywords: Psychoanalysis History; Anxiety; Clinical Psychopathology.

¹ Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia USP.
Contato: lucasbaviera@gmail.com

Editor-associado: João Pedro Santana Motta

Recebido em: 05/03/2024

Aceito em: 05/09/2024

Publicado em: 23/12/2024

Citar: Baviera, L. (2024). Ansiedade ou angústia? Revisão histórica das traduções da Angst freudiana e a influência psiquiátrica. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 12(1), 281-288.



Introdução

Neste artigo, objetiva-se um levantamento sobre os percursos tomados, em termos de traduções e de uso de vocábulos técnicos, sobre o uso atual das palavras angústia e ansiedade, no que diz respeito ao campo do acolhimento do sofrimento emocional e da prática clínica psicoterapêutica. Observamos como não há um critério dado, de saída, de diferenciação dos dois termos, tomando a angústia como nome mais comum a ser usado principalmente pelos psicanalistas (principalmente a partir das mais recentes traduções da obra de Freud), demarcando, assim, uma oposição tácita sob o uso da palavra ansiedade, que se vigora quando adentrado o campo médico-psiquiátrico. O objeto desta pesquisa não é acerca dos significados teóricos e conceituais da angústia em seus aspectos psicodinâmicos, em ambos os campos do saber delimitados (Psicanálise e Psiquiatria moderna), delimitando-se a compreender o percurso histórico atravessado pela transmissão do conhecimento psicanalítico e a influência sofrida pelas separações entre este saber e a Psiquiatria, em diferentes territórios geográficos, ilustrados na forma de traduzir a expressão *Angst*. O método apoia-se na revisão bibliográfica do estado da arte, a partir de Simonetti (2011), Viana (2010), Quinodoz (2010) e Steiner (1987).

Neste sentido, compreende-se a Psicanálise como uma prática clínica que se desenvolve, historicamente, assumindo posições de oposição com outros campos, que tratam também dos sofrimentos e adoecimentos psíquicos, dentre os quais destaca-se a Psiquiatria. A oposição entre estes dois campos, às vezes mais explícita, às vezes mais sutil, permeia a história de ambos. Castel (1987) localiza a Psicanálise como a principal resistência e um “freio ao desenvolvimento” (p. 97) de uma Psiquiatria mais organicista, amparada na farmacologia e pouco pautada no psicodinamismo da mente. Esta oposição ampara-se, principalmente, pelas noções do inconsciente e da força dos processos psíquicos derivados dele, em detrimento da predominância organicista dos conflitos e adoecimentos psíquicos.

As diferenças paradigmáticas destes dois campos do saber, que envolvem as compreensões sobre o funcionamento do aparelho psíquico, ou o alvo principal de intervenção clínica, podem também serem observadas através de aspectos mais sutis, como no modo de nomear certas chaves de compreensão clínica, conforme destacamos, na frequência da escolha pelos termos angústia ou ansiedade, para referir-se a esta espécie de sofrimento emocional, tão comum da prática clínica. Historicamente, é notável a diferenciação (supondo-se um desejo de distanciamento) proposta pela Associação de Psiquiatria Americana, a partir da terceira edição do DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), publicada em 1980, que passa a utilizar o nome transtorno (*disorder*) para substituir o nome neurose, utilizado majoritariamente pela psicanálise e, até sua terceira edição, também utilizado pelo DSM.

Na atualidade, ao observar a popularização dos chamados transtornos de ansiedade, faz-s’e notar certa hegemonia da influência do discurso psiquiátrico nos principais meios de divulgação cultural da sociedade. Ao mesmo tempo em que se populariza o uso do termo ansiedade para se falar desta chave diagnóstica e de um modo próprio de sofrimento, não se encontra a palavra angústia sendo usada com a mesma frequência no discurso popular, nem mesmo entre as descrições das categorias dos transtornos de ansiedade no manual-referência DSM-5 (APA, 2014), sendo utilizada, contudo, em outros quadros de

diagnóstico, como nos transtornos de depressão, ou das compulsões (p.134;162;239). Esta omissão do uso do termo em uma categoria diagnóstica - justamente a de ansiedade - e presente em outras, reforça a ideia de que haveria uma diferenciação, que não é explicada tecnicamente. Por outro lado, na prática psicanalítica, principalmente em território brasileiro e de línguas latinas, é possível observar a predominância da utilização do termo angústia para referir-se a um estado afetivo amplo, que protagoniza a prática clínica e centraliza grande parte das queixas dos pacientes. À primeira vista, não é possível delimitar quais diferenças técnicas podem diferenciar este afeto, chamado de angústia, daquele chamado de ansiedade pela prática psiquiátrica.

Buscando as raízes etimológicas (Torrinha, 1942; Simonetti, 2011), encontra-se que a origem de ambos os termos derivam da mesma raiz grega, *agkhō* (αγγθ), palavra que remete à sufocamento e aperto. A partir do termo grego, ramificaram-se, no latim, dois verbetes: *ango* e *anxio* - que se aparentam aos termos angústia e ansiedade em português; *angoisse* e *anxiété* em francês; *anguish* e *anxiety* em inglês. Etimologicamente, portanto, seria razoável tratar os termos como palavras equivalentes. Contudo, conforme levantado anteriormente, é possível constatar certa predileção prática tácita dos termos quando utilizados por estes dois campos distintos do saber clínico.

De um ponto de vista mais pragmático, a indagação acerca destas nuances semânticas aborda uma problemática profunda, que tange o modo como o sofrimento humano e as patologias emocionais passam a ser categorizadas e, sobretudo, tratadas clinicamente. Ou seja, a partir do momento em que se separa - semanticamente - a Psicanálise da Psiquiatria, a partir do uso de duas palavras distintas para se referir ao que seria a mesma experiência afetiva, também se delimita, implicitamente uma espécie de conflito pelo saber (e pela prática interventiva) mais preciso acerca da angústia/ansiedade. Questiona-se, contudo, se estas separações atuais possam também demonstrar, conforme se aprofunda a história das fronteiras entre estas duas disciplinas do campo da saúde - assim como o próprio movimento de expansão da Psicanálise, a partir de suas primeiras traduções, alguns períodos de maiores aproximações, conforme será investigado a seguir.

Angústia e ansiedade e suas propostas na psicopatologia: percurso histórico da terminologia clínica do afeto.

Ao investigar a historicidade que perpassa o tema, encontramos em Simonetti (2011) a organização de três posições (posição francesa, posição psiquiátrica e posição psicanalítica) no que tange à forma de se utilizar os dois termos, de modo clínico. Este trabalho propõe a criação de critérios para a utilização dos termos angústia ou ansiedade. Conforme levanta o autor, para que se tenha uma correta distinção categorizante de termos clínicos, seria preciso que, para cada termo, se propusesse a apreensão de fenômenos distintos, amparados em uma fundamentação teórica adequada. Ocorre que Simonetti (2011) reconhece que as distinções utilizadas pelas três posições que delineou permaneceram como “distinções-fracas” (p. 28), por não se adequarem de modo suficiente a esta caracterização técnica. Simonetti (2011) pondera sobre o fato das escolhas de uso dos nomes angústia ou ansiedade sofrerem influência de motivos mais históricos do que propriamente técnicos. Em seguida, levanta um contexto histórico que explicita alguns motivos dessas deliberações, que apontam para a própria história do desenvolvimento das teorias psicodinâmicas da compreensão do aparelho mental, em contrapartida às compreensões (e intervenções) mais organicistas.

A chamada posição francesa refere-se à prática psiquiátrica do final do século XIX do referido território, encabeçada por psiquiatras como Brissaud (1852 - 1909) e Favez-Boutonier (1903 - 1994), e é dividida em dois momentos. Num primeiro momento, registra-se uma proposta de diferenciação para o emprego desses vocábulos a partir da observação da natureza dos sintomas do quadro clínico. A palavra angústia - *angoisse*, seria utilizada para representar expressões afetivas onde predominassem os sintomas físicos - as palpitações, as dificuldades respiratórias, os ataques gástricos, etc. Por oposição, o termo ansiedade - *anxiété*, descreveria expressões afetivas e quadros clínicos em que predominassem a aflição, o temor, a preocupação excessiva, ou seja, sintomas onde a predominância seria de caráter mental, com menor implicação fisiológica.

Esta proposta terminológica inicial da posição francesa encontrou aderência na tradição psiquiátrica do país até, aproximadamente, a década de 1950. É a partir desta data que Juliette Favez-Boutonier fomenta, conforme pontua Simonetti (2011), o debate acerca da finalidade do emprego desta separação, sendo considerada como “artificial” (p. 23), na medida em que a expressão afetiva da angústia, observada com cuidado, poderia ser encontrada tanto no corpo, como no comportamento. Simonetti (2011) localiza Boutonier como precursora do emprego exclusivo do termo angústia - *angoisse* - para denominar a categoria psicopatológica desta experiência afetiva como um todo. Nota-se como esta proposta terminológica, que adquire aderência na prática psiquiátrica da época, ressoava com uma diretriz clínica norteada pela intervenção que considera tanto os aspectos fisiológicos e genéticos da psicopatologia, como seus aspectos psicodinâmicos, pautados, estes últimos, amplamente na emergência da teoria psicanalítica. É esta a posição consolidada da chamada posição francesa, conforme delinea Simonetti (2011). Esta posição demonstra um passo de aproximação que a psiquiatria francesa dá em direção à teoria psicanalítica.

Por sua vez, a segunda posição clínica-histórica organizada por Simonetti (2011) acerca da forma em se nomear a angústia-ansiedade, a posição psiquiátrica, é justamente marcada por diretrizes clínicas de afastamento da Psiquiatria com relação à Psicanálise e ao psicodinamismo como um todo. Este afastamento é marcado pela proposta semântica em se utilizar, exclusivamente, o termo ansiedade - *anxiété* - para referir-se aos fenômenos psicopatológicos desta expressão afetiva. Esta nova proposta, originária na França, é liderada por Henri Ey (1900 - 1977), adepto e entusiasta da modernização psicofarmacológica como fonte de recursos para emancipar a prática psiquiátrica de outras práticas psicoterapêuticas. Ilustrando esta proposta, Roudinesco (1998) cita o psiquiatra francês em seu dicionário, num momento em que este renega à Psicanálise o lugar de “pertencente ao passado” (p. 15). É nesta transição de propostas que Simonetti (2011) localiza a transição da posição francesa para a posição psiquiátrica, a qual inaugura o “tempo da ansiedade” (p. 26), chamado deste modo por ser então o estilo em que predomina, culturalmente, a utilização desta palavra para referir-se ao afeto, representando, assim, uma lógica predominante na forma de compreender e tratar clinicamente o sofrimento emocional direcionada à intervenção psicofarmacológica e com enfoque organicista, afastando-se assim da Psicanálise.

Esta preferência pelo termo ansiedade, iniciada na França, pode ser vista, também, em associações psiquiátricas norte-americanas, que passaram a privilegiar esta proposta semântica. Viana (2010) aponta como a relevante reforma na psiquiatria nos Estados Unidos, datada da década de 1980, centralizou diversas autoridades do tema, como Karl Menninger, Robert Spitzer, Endicott e Thomas Szasz, os quais fomentaram

movimentos de distanciamento da prática psiquiátrica para com as práticas da Psicanálise, visando, assim, uma maior demarcação de terreno do que era a Psiquiatria e do que eram as Ciências Sociais, almejando alcançar um modelo “mais médico e convencional de psicopatologia, focado em apresentar descrições ateóricas e técnicas” (Viana, 2010, p. 96).

Esta reforma culminou na estrutural e intensa reformulação sobre o manual diagnóstico DSM, a partir de sua terceira edição, que marca, também, a retirada do termo “neurose” de suas classificações. Neste sentido, relacionamos a abstenção do uso da palavra “angústia” nas classificações dos transtornos de ansiedade, no DSM-5, com esta diretriz que separa a prática da psicopatologia psiquiátrica da psicopatologia psicodinâmica.

No que tange o percurso histórico da psicopatologia psiquiátrica sobre a utilização dos termos, conforme levantado, é possível verificar como houve momentos em que se propôs critérios técnicos - como o enfoque na sintomatologia - para definir o melhor uso de um termo ou de outro, mas, principalmente, registra-se as predileções semânticas a partir de movimentos de aproximação ou afastamento da Psiquiatria em relação a outros saberes sobre o aparelho mental. Simonetti (2011) também oferece, em sua investigação, uma terceira posição, chamada posição psicanalítica, em que pontua que não haveria distinção técnica entre angústia e ansiedade, tomando-os por sinônimos, mas preferindo a utilização do primeiro termo. Propomos, a seguir, um maior aprofundamento nesta colocação, posto ser possível averiguar uma predominância, em certas traduções e escolas psicanalíticas, da preferência pelo termo ansiedade. Neste sentido, compreendemos como a problemática da escolha por utilizar estes vocábulos, em terreno psicanalítico, depende primordialmente do modo como se escolheu traduzir a *Angst* original de Freud, principalmente durante os momentos iniciais da expansão psicanalítica para outros idiomas, destacando-se as traduções para o francês e o inglês, conforme aprofundaremos a seguir.

As traduções da *Angst* freudiana para o inglês e para o francês

A predileção entre os termos angústia ou ansiedade, no campo de saber psicanalítico, refere-se, historicamente, à tradução das obras de Freud. No Brasil, foi a partir das novas traduções, datadas a partir de 2010, que se passou a preferir o termo angústia para referir-se à *Angst* freudiana. Até então, nas traduções mais populares, feitas a partir da *Standard Edition* de J. Strachey, o que se utilizava era o termo ansiedade. É este, também, o termo mais utilizado pelos pós-freudianos ingleses, como M. Klein, D. Winnicott e W. Bion, não só para referir-se à *Angst* freudiana, mas também para designar conceituações próprias acerca da experiência afetiva da angústia /ansiedade.

Há uma particularidade semântica importante, que participa nas especificidades dos caminhos tomados pelos tradutores pioneiros da obra de Freud: não há, na língua alemã, uma ramificação correspondente à ramificação existente entre *anxiety* e *anguish*, em inglês, ou *angoisse* e *anxiété*, em francês. Sendo assim, o que se observou é que, ao passo que os primeiros tradutores de Freud para a língua francesa (expandindo-se para as línguas latinas como um todo) preferiram utilizar o termo angústia (*angoisse*) para referir-se à *Angst*, os primeiros tradutores de suas obras para o inglês, notoriamente J. Strachey (1894), preferiram utilizar o termo ansiedade (*anxiety*), explicada em nota anexa ao texto de Freud intitulado “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘neurose de angústia’” (1894). Os

motivos desta preferência, conforme nos levantaremos, associa-se, também, aos interesses de proximidade ou distanciamento do campo de saber psiquiátrico.

Iniciando pelas traduções francesas da *Angst* de Freud, é possível constatar, por parte do próprio autor, ao escrever o artigo *Obsessões e Fobias*, em francês, o uso tanto de *angoisse* quanto *anxiété* para referir-se ao original *Angst* (Simonetti, 2010, p. 73), não definindo, assim, quando teve oportunidade de escolher qual termo seria mais adequado. O que Quinodoz (2010) considera, ao estudar o impacto das primeiras traduções para o francês da obra de Freud, é que estas exerceram influência no desenvolvimento e na continuidade da transmissão da Psicanálise na França, mais do que aparenta ser capaz de impactar as escolhas de termos para traduzir os conceitos de Freud. Segundo o autor, Yves Le Levay e Edouard Claparede, na década de 1920, tomaram “grandes liberdades” (Quinodoz, 2010, p. 695) nas traduções pioneiras, adaptando conceitos-chave da Psicanálise, posto o fato destes não serem psicanalistas de formação. Apenas alguns anos após, entre 1928 e 1935, Marie Bonaparte e Gallimard, ofereceriam traduções mais aproximadas da Psicanálise originária de Freud. Neste sentido, Quinodoz (2010) pontua que Levay e Claparede intencionam contornar algumas resistências iniciais à Psicanálise em solo francês, fomentadas por parte de uma Psiquiatria com “atitudes neurológicas” (Quinodoz, 2010, p. 698). Sendo assim, em conjunto com o percurso histórico levantado anteriormente sobre as repartições da postura psiquiátrica francesa, acerca de como utilizar dos termos angústia / ansiedade, seria plausível aferir como a predileção pelo termo *angoisse*, por parte da vertente francesa, pode ter sido influenciada por estas demarcações territoriais, principalmente entre a Psiquiatria neurológica e organicista e a Psicanálise como instrumento de oposição e alternativa clínica a esta visão.

Do outro lado, nas traduções de Freud para o idioma inglês, constata-se escolhas dos primeiros tradutores em aproximarem-se da corrente psiquiátrica predominante à época. É o que observamos na nota de apêndice chamada *O Termo Angst e sua Tradução Inglesa*, de J. Strachey (1976), organizador da notável *Standard Edition*, com o apoio de Ernest Jones (1879 - 1958). A edição *Standard* das traduções da obra de Freud serviu de base para uma vigorosa propagação e expansão da Psicanálise em território mundial, sendo, inclusive, a edição utilizada para realizar as primeiras traduções da obra freudiana no Brasil. É relevante observar como, na prática editorial brasileira, as edições traduzidas a partir da edição *Standard* utilizavam ansiedade para referir-se à *Angst*, dando continuidade à escolha de Strachey por *anxiety*. Em contrapartida, a contar da chegada ao mercado editorial de novas edições da obra de Freud, a partir principalmente da década de 2010, feitas principalmente a partir do texto original freudiano, em alemão, a preferência, quase absoluta, é de traduzir a *Angst* freudiana por angústia.

Conforme Strachey explica na referida nota de apêndice, para traduzir *Angst* como *anxiety* o tradutor precisou fazer uma escolha difícil, posto não haver uma tradução direta de *Angst* para o idioma inglês. Ou seja, qualquer escolha implicaria em perdas de significância do original e possíveis acréscimos de significações paralelas. Sendo assim, o tradutor justifica a escolha por *anxiety* no sentido de alinhar-se ao “uso tradicional da prática médica” (1894, p. 67). Todavia, Steiner (1987) defende que as traduções feitas por Strachey, pautadas nas intenções de apresentar à Psiquiatria dominante da época um “Freud cientificamente aceitável” (p. 33), geraram confusões de tradução em termos-chave (como a ideia de *Trieb* ser traduzida como pulsão ou

instinto) que desdobram em nebulização da transmissão do ensino de Freud, retratada como uma espécie de torre de Babilônia.

De todo modo, manteve-se, tradicionalmente, com os principais autores pós-freudianos de origem inglesa, a preferência na utilização da palavra *anxiety* para referir-se a esta expressão afetiva, que remete à *Angst* de Freud e a expande em novas conceituações, mantendo, sempre, os conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, que envolvem a noção de inconsciente, o psicodinamismo, as fases do desenvolvimento, entre outros. Este fato auxilia a corroborar a ideia de que, mesmo quando a palavra ansiedade é utilizada em maior predominância em território nacional para referir-se ao quadro diagnóstico, pautado no manual DSM-5, há uma raiz teórica na Psicanálise.

Considerações

Retomamos, ao fim deste artigo, a pergunta levantada no início, que indaga se a angústia e a ansiedade podem ser consideradas experiências afetivas distintas, posto que há uma inclinação no uso de um termo ou de outro a depender de critérios, aparentemente, pouco técnicos e mais acidentais. Apesar de não conseguir uma resposta definitiva, a indagação sobre a forma como os termos são preferidos abre uma investigação acerca do seu percurso histórico, que busca distanciar (ou aproximar, a depender do momento) a prática psicanalítica da prática psiquiátrica, ou mesmo entre práticas intra-psicanalíticas, a partir de fundamentações epistemológicas, mas sinalizadas por preferências semânticas.

Adentrando nos fatores históricos das traduções da obra de Freud, nota-se como nas escolhas para se traduzir o termo *Angst*, há um esforço dos tradutores para gerar uma maior aceitação do público médico da época, principais potenciais interessados no método psicanalítico. Ao longo do tempo, contudo, demarcou-se, por parte de ambos os campos do saber, maiores delimitações de suas fronteiras, conforme pontua Castel (1987). Por parte do saber psiquiátrico, principalmente recortado entre a escola francesa do século XX e dos movimentos reformistas da psiquiatria norte-americana da década de 1950, a predileção de utilizar o nome angústia ou ansiedade está relacionada, historicamente, com a tendência a inclinações ou distanciamentos da prática terapêutica que considera o psiquismo em seus aspectos dinâmicos, ou que opta por centralizar a sua diagnose e intervenção nos aspectos fármacos e orgânicos. Por parte da Psicanálise, levantamo-nos como a origem das escolhas dos termos angústia (*angoisse, anguish*) ou ansiedade (*anxiété, anxiety*) dependem de fatores geográficos e idiomáticos, o que remete à história das primeiras traduções da obra de Freud, influenciadas por intenções dos primeiros tradutores de se aproximar do vocabulário psiquiátrico vigente à época, intencionando uma melhor receptividade das obras do médico vienense.

É possível aferir como, na sutileza de uma predileção semântica, encontramos a simbolização de uma separação de interesses mais profundos. Resta verificar, como no modo de nomear, atualmente, o afeto da angústia/ansiedade, nas práticas psicoterápicas, existem influências de questões históricas-culturais não propriamente técnicas, tangenciadas por problemáticas de fronteiras - não só entre a Psicanálise e a Psiquiatria, mas intra-psicanalíticas, dentre as diferentes escolas, de diferentes ramificações pós-freudianas.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. (5.ed). Artmed.
- Castel, R. (1987). *A gestão dos riscos: da antipsiquiatria à pós psicanálise*. Francisco Alves.
- FREUD, S. (1976) *Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 3. Imago. (Original publicado em 1894).
- Klein, T. et al. (2017). Inibição, sintoma e medo? Algumas notas sobre a Angst na psicanálise. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [online]. vol.20, ISSN 1415-4714. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/m3HkFdRLTYnzQLZngps4xbg/abstract/?lang=pt>.
- Quinodoz, J. M. (2010). How translations of Freud's writings have influenced French psychoanalytic thinking. *Int J Psychoanal*, 91(4). 695-716. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2008.00117.x>
- Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Zahar. (Original publicado em 1997).
- Simonetti, A. (2011). *A angústia e a ansiedade na psicopatologia fundamental*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo] Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15010>.
- Steiner, R. (1987). A world wide international trade mark of genuineness? Some observations on the history of the English translation of the work of Sigmund Freud, focusing mainly on his technical terms. *International Review of Psycho-Analysis*, 14(1), 33–102. <https://www.pep-web.org/document.php?id=irp.014.0033a>.
- Strachey, J. (1976). *O Termo Angst e sua Tradução Inglesa*. In Freud, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3. Imago. (Original publicado em 1894).
- Torrinha, F. (1942). *Dicionário Latino Português*. Porto.
- Viana, M. B. (2010). *Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX - Da Angstneurose ao DSM-IV*. [Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PPGFil Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFScar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4780?show=full#:~:text=A%20ansiedade%20tem%20sido%20objeto,no%20final%20do%20s%C3%A9culo%20XIX>.